

## AS RUMINAÇÕES DE PEDRO NAVA

Maria Luiza Medeiros Pereira  
UNICAMP

Em 1982, Pedro Nava (1903-1984) participou do ciclo de palestras “O narrado e o vivido: o memorialismo em Minas Gerais” promovido pela Faculdade de Letras da UFMG. A palestra e a discussão posterior foram publicadas pelo *Centro de Estudos Portugueses* desta instituição, em 1994, num número especial em sua homenagem<sup>1</sup>. Na ocasião, com cinco volumes de memórias já publicados e o último em elaboração<sup>2</sup>, fez uma importante revisão da sua produção literária ao abordar alguns dos temas fundamentais de suas memórias, tais como a relação entre a escrita, a memória e a velhice, a inexorabilidade da morte, além de tecer considerações a respeito de seu método de trabalho, relacionando diretamente a leitura e a produção escrita<sup>3</sup>. É este aspecto, em especial, que irei abordar aqui.

Quando perguntado como as redigia, Nava lançou mão de uma imagem próxima de seu campo profissional, a medicina. Em primeiro lugar, ele pensava “na estrutura do capítulo”. Para ele:

“... fazer um capítulo é como a criação duma pessoa, duma criatura. Eu tenho de fazer um esqueleto, para colocar dentro dele vísceras, por fora músculos, para que aquilo se mexa. De modo que eu escrevo um sumário, ou boneco, ou esqueleto e procuro, entre as minhas notas, aquelas que se adequem a esse esqueleto e aos detalhes que eu estou escrevendo. Numero essas notas, essas minhas fichas, coloco dum lado, e aí eu já tenho aquilo mais ou menos composto e começo então a escrever o capítulo que eu tinha combinado comigo mesmo.”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> AGUIAR, Melânia Silva de. Conversa com Pedro Nava. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 14, n.17, pp.112-135, jan./jul. 1994.

<sup>2</sup> NAVA, Pedro. *Baú de Ossos* (1972) 7ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984; *Balão Cativo* (1974) 5ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; *Chão-de-Ferro* (1976) 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976; *Beira-Mar* (1978) 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985; *Galo-das-Trevas* (1981) 4ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987; *O Círio Perfeito* (1983) 4ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

<sup>3</sup> Temas abordados em Maria Luiza Medeiros Pereira, *Das Aparas do Tempo às horas cheias: uma leitura das Memórias de Pedro Nava*, Campinas, IEL- UNICAMP, 2001 (tese de doutoramento).

<sup>4</sup> AGUIAR, Melânia S. de, *op.cit.*, p.115.

O esqueleto é a representação plástica do arcabouço básico que sustenta, sem aparecer visivelmente, a complexidade e mobilidade do corpo. Corpo, por sinal, composto de uma infinidade de elementos heterogêneos, tais como: anotações pessoais, observações retiradas dos cadernos de miscelâneas dos avós, dos pais e dos tios, de livros de história, mapas, cartas, bulas e receitas de remédios, propagandas, obituários, desenhos, fotografias, espólios familiares, registros cartoriais, frases soltas, palavras... Os fundamentos básicos que norteiam a organização do “esqueleto” do texto de Nava são muito parecidos com as primeiras operações da arte retórica (a *inventio*, na procura de idéias e de argumentos; a *dispositio*, na disposição dos elementos escolhidos, e a *elocutio*, na escolha e organização das palavras).

À imagem do esqueleto, base para a constituição do corpo ou do texto, soma-se uma outra metáfora, a da digestão, que está diretamente ligada a indagações relativas à atividade central do nosso memorialista:

“... até que ponto a memória é fiel ao memorialista? É muito difícil dizer isso, porque evidentemente, é aquela coisa do esquecer pra lembrar, como disse o Carlos Drummond, isso é uma grande verdade. O sujeito que come um bife está esquecendo pra lembrar. Ele está engolindo aquele bife, está metabolizando e virando aquele bife numa célula cerebral dele, cardíaca, muscular e uma parte do osso. Tudo aquilo sai. De modo que a memória faz isso. Nós não esquecemos de coisa nenhuma. Mas eu tenho a impressão que passamos a nossa fantasia na recriação, fazendo uma coisa absolutamente diferente.”<sup>5</sup>

Foi em termos semelhantes, que Augusto Meyer leu o “delírio” de Brás Cubas, reconhecendo no episódio uma possível variante da tradicional imagem da Natureza como a figura da gigantesca mãe universal e inimiga, sempre jovem, porém antiga, imutável e sempre em movimento, pertencente ao motivo do rejuvenescimento, da renovação da vida, que percorreu toda a Idade Média, chegando à Renascença e depois aos românticos. A despeito das inúmeras

---

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p.128

variantes, encontramos seus atributos fundamentais nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Mas como bem observou Meyer:

“Sem querer negar alguma reminiscência literária acidental, tenho para mim que Machado não tomou de empréstimo Natureza ou Pandora senão a si mesmo, isto é, a esse profundo bucho de ruminante que todos trazemos na cabeça e onde todas as sugestões, depois de misturadas e trituradas, preparam-se para nova mastigação, complicado quimismo em que já não é possível distinguir o organismo assimilador das matérias assimiladas...”<sup>6</sup>

Em *Esau e Jacó*, por sua vez, é possível encontrar uma referência ao “cérebro ruminante” do leitor, que, por seus “quatro estômagos”, faz “passar e repassar os atos e os fatos até que deduz a verdade, que estava ou parecia estar escondida.”<sup>7</sup> Esta metáfora da digestão está associada a uma das técnicas dos oradores na Antigüidade latina<sup>8</sup>, que viam a escrita (para si ou para outrem) como uma técnica, cujo procedimento baseava-se nas seguintes etapas: leitura, releitura de trechos escolhidos, pensar a respeito do material selecionado, fazer anotações sobre o que se leu e pensou e, então, escrever, re-elaborando tudo. Uma de suas formas mais correntes de escrita era as anotações, ou *hypomnêmata*<sup>9</sup>. Na sua origem, eram simples cadernos de notas, registros públicos. Com o tempo, transformaram-se numa espécie de auxílio da memória. Depois, adquiriram o sentido mais profundo de “guia de conduta”, de “memória material” do que a pessoa leu, ouviu, pensou e decidiu registrar. Material que lhe serviria tanto para orientar suas futuras leituras ou reflexões, quanto na elaboração de algo escrito. Tais anotações deixavam, portanto, de ser exterior à pessoa, desempenhando uma função importante na formação pessoal do caráter. Inscreviam-se nela e, conseqüentemente, no que viesse a pensar, a escrever, ou no

---

<sup>6</sup> MEYER, Augusto, 1952, *Machado de Assis* 2ª ed., Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1952, p.128.

<sup>7</sup> ASSIS, Machado de, capítulo LV: “A mulher é a desolação do homem”, *Esau e Jacó* in *Machado de Assis. Obra Completa*, vol.1, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, pp.1019. Agradeço meu amigo Hélio de Seixas Guimarães a feliz lembrança.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel, L’écriture de soi, *Dits et écrits*, vol.IV (1980-1983), Paris: Gallimard, 1994, pp.415-430.

<sup>9</sup> Hypomnêmata, um: notas, apontamentos, observações escritas, segundo SARAIVA, F.R. dos Santos, *Dicionário Latino-Português*, Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

modo de agir. Se por um lado, a leitura tinha a função de impedir a dispersão dos pensamentos, a escrita, por sua vez, retinha os elementos heterogêneos recolhidos de modo ordenado.

A “teoria do bife” de Nava, relativa à capacidade da reminiscência de “esquecer para lembrar”<sup>10</sup>, está diretamente ligada ao ato do velho narrador de contar a sua história de vida, procurando, por um lado, viver a juventude perdida por meio das palavras e, por outro, transmitir às futuras gerações os momentos considerados mais importantes. Num certo sentido, essa ação o ultrapassa como indivíduo, pois indica a existência de uma comunidade em vida. Um dos modos do narrador de lutar contra a inexorável passagem do tempo é supor que essa comunidade compartilha uma memória comum, portanto, transpessoal, que inclui necessariamente elementos transmitidos pela tradição literária. Não por acaso, a sua recordação pessoal incorpora, freqüentemente, a lembrança do que leu<sup>11</sup>.

Encontramos, numa carta de Sêneca, um comentário a respeito do processo de assimilação do material heterogêneo lido e anotado pelo leitor. Sêneca utiliza uma série de imagens, até hoje correntes, como a da “teoria dos molhos”<sup>12</sup>, em que o autor deve dar aos diversos sabores recolhidos o seu tempero, para que se possa reconhecer nos empréstimos feitos outra coisa além deles, ou a das abelhas que fazem o mel das mais variadas flores encontradas<sup>13</sup>. Nesse sentido, o que lemos “é digerido”, ou seja, “se decompõe e se transforma em nosso sangue e em nossa força”<sup>14</sup>. A escrita teria a mesma função, pois nela se dissolveria o material recolhido:

---

<sup>10</sup> Metáfora que vem de Platão e desencadeou reflexões posteriores acerca da imagem da memória como uma “tábua encerada”, na qual se anotam coisas importantes num dado momento, com a vantagem de serem apagadas apenas alisando a superfície. Cf. WEINRICH, Harald, *Lete: arte e crítica do esquecimento* (trad. Lya Luft), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.44.

<sup>11</sup> São evidentes as semelhanças, apesar das profundas diferenças, com o ato antropofágico de apropriação da “matéria cultural alheia”.

<sup>12</sup> Referida por Afrânio Coutinho em seu *estudo crítico* sobre Machado de Assis: Machado de Assis na Literatura Brasileira, *Machado de Assis. Obra Completa*, ed.cit., pp.32-33.

<sup>13</sup> SCHEIDER, Michel, *Ladrões de Palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento* (trad. Luiz Fernando P.N.Franco), Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.107.

<sup>14</sup> SÊNECA, Lettre à Lucilius, *Oeuvres Complètes*, t. I, Paris: Garnier Frères, c.1888, pp. 384-389.

mastigado e assimilado; esquecido, para ser lembrado, como disse Nava, em seu texto, ou em “seu sangue” e em “seu corpo”, em sua vida narrada. Não podemos nos esquecer que ambos, Machado e Nava, estudaram literatura baseada no estudo da língua, onde a retórica prevalecia<sup>15</sup>. Estamos, portanto, num universo conhecido pelos dois.

Os fundamentos básicos do “esqueleto”, ou do “caderno de anotações”, e da “metáfora da digestão” são perceptíveis nas *Memórias* no modo como o fragmento “estranho” se entranha à narrativa. Há aqui a certeza de que pela leitura o leitor vai também incorporando, assimilando uma série variada de elementos que perde a sua “originalidade” ao se transformar na própria voz do leitor tornado escritor.

Diante do produto final, pode-se dizer que a matéria digerida, misturada, esquecida porque assimilada e, posteriormente, lembrada, parece trazer para o escrito a verdade profunda de quem recorda. Como em Machado, o narrador das *Memórias* também persegue o comportamento humano, cerca-o com as palavras, procura intuir os silêncios, decifrar os gestos contidos, ou perscrutar os olhares entrecruzados e desviados. Daí a observação do cotidiano se transformar num verdadeiro exercício arqueológico. Soma-se ainda o fato de que as personagens das *Memórias*, em sua quase totalidade, foram pessoas com registro civil reconhecido em cartório, gente de carne e osso que circulou pelas cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora ou Rio de Janeiro.

Em alguns momentos, deparamo-nos com verdadeiros flashes desse cotidiano e de um indivíduo, em particular. É quando salta aos olhos as suas contradições inerentes, a multiplicidade de traços que lhe dá complexidade e profundidade. Com um olhar agudo, o narrador procura iluminar, por exemplo, certas particularidades do caráter de um indivíduo que

---

<sup>15</sup> CANDIDO, Antonio. Crítica Retórica, *Formação da Literatura Brasileira* 6ªed., 2ª vol., Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p.345.

poderiam passar despercebidos. Se neste aspecto encontramos semelhanças com Machado, não podemos nos esquecer que, diferente dos perfis coesos e precisos das personagens machadianas, o tom geral das *Memórias* de Nava é o da lentidão, da palavra literária companheira no aplacamento da solidão do velho memorialista. Por essa razão, “perde-se tempo” e suas figuras são lapidadas com parcimônia.

É o que podemos notar em relação à avó materna. Assim, Inhá Luísa foi a menina Maria Luísa que atravessou o Caminho Novo das Minas, beirando o rio das Velhas, chegando somente após vinte dias na Fazenda do Juiz de Fora. Foi mãe prestimosa que contou para a filha todas as peripécias de suas viagens. Foi a jovem viúva do também avarento e rico Comendador Henrique Halfeld, cinqüenta anos mais velho. Foi a jovem esposa, amorosa e desconfiada, do igualmente jovem e belo engenheiro Joaquim Jaguaribe, mas também a “sogra execrável, sinhá odiosa para as escravas e crias, amiga perfeita de poucas, inimiga não menos perfeita de muitas e corajosa como um homem...”<sup>16</sup>

Apesar da velhice ter-lhe dado um certo olhar distante, não perdera a autoridade e ainda mantinha o faro incomum para os negócios. Trancada em seu quarto, porém, remexendo nos presentes dados pelo primeiro marido, “a velha gorda olhava o fundo do espelho embaçado, de onde a espiava a linda moça e airoso, que se chamara Inhazinha...”<sup>17</sup> O narrador vai esquadrinhando as alterações originadas pela passagem do tempo e as contradições do caráter de Inhá Luísa. Exploração que não se restringe às lembranças infantis do narrador, pois no texto se misturam tanto elementos do ocorrido e testemunhado por ele, ou por terceiros, quanto os da intuição do que provavelmente acontecera, baseados nas previsíveis atitudes da avó.

---

<sup>16</sup> NAVA, Pedro, *Baú de Ossos*, ed.cit., p.224.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p.35.

Mas é no momento do café da tarde, quando a senhora recebe as poucas amigas, que o leitor se vê diante da explicitação do que ela provavelmente quis encobrir a vida toda. São expostas, simultaneamente, as duas personalidades da avó: a áspera e desagradável “para os que não lhe calhavam” e a “charmosa e delicada para os que lhe caíam no goto”.<sup>18</sup> Entretanto, essa exposição não se dá de modo direto e ofensivo, sendo construída por um olhar enviesado que retira do grupo o “véu da conveniência”:

“É por isto que a casa [da avó] vivia cheia dos eleitos do segundo grupo. Começava à hora do café, com a presença da tia Regina que chegava de rosário em punho e tinha a peculiaridade de desfiá-lo conta por conta, mistério por mistério. Ia entremeando uma mastigada de pão cheia de graça, o Senhor é convosco, do bolo de fubá Santa Maria Mãe de Deus, um gole de xícara agora e na hora de nossa morte, com as novidades do dia, horrorizada de saber que a Siá Beta tinha se mudado para a Rua do Sapo que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome e indignada com o mutismo do Paleta durante visita que lhe fizera e em que o grosseirão, Inhazinha, nem entrara em conversação, enfim... seja feita Vossa vontade porque cada um dá o que tem, assim como nós perdoamos os nossos devedores, não nos deixeis cair em tentação, que homem insuportável! coitada da Bertha! e livrai-nos Senhor de todo mal, amém...”<sup>19</sup>

Se salta aos olhos a máscara da hipocrisia, esta, no entanto, transforma o indivíduo por dentro, deixando de ser algo exterior, ao revelar a sua matéria própria, inseparável, como diz Alfredo Bosi.<sup>20</sup> O ritmo da oração, o da “Ave Maria”, impregnado na frase é um achado do narrador das *Memórias*, que, seguindo a “teoria do bife”, procura fazer coisa “absolutamente diferente” da matéria apropriada. De tendência moderna, a frase executa uma tensão entre os registros distintos. Nela a oração vale o gole de café, a garfada de bolo, os queixumes, as últimas fofocas e os insultos. O leitor tem, como efeito cinematográfico, a exposição simultânea de

---

<sup>18</sup> NAVA, Pedro, *Balão Cativo*, ed.cit., p.45.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>20</sup> BOSI, Alfredo, *Machado de Assis: o enigma do olhar*, São Paulo: Ática, 1999, p.65.

gestos, fala, sentimentos e pensamentos. Nada é nuançado na grotesca personagem, daí a ironia profunda.

Porém, não se pode dizer que a tentativa de decifração de Inhá Luísa deva apenas se restringir a este momento em particular. Conforme apontei, anteriormente, o olhar do narrador se expande e expõe as suas múltiplas faces, deixando entrever uma figura poliédrica e contraditória. Não se trata, propriamente, de uma relativização, de uma atenuação do juízo negativo anteriormente feito. Nava não deixa de lançar mão da ficção para melhor apreender certo ângulo real possível, buscando mostrá-la, como aprendeu com Machado, na sua complexidade de “indivíduo ficcional”<sup>21</sup>. Muito provavelmente, a amiga de Inhá Luísa nunca tivesse se exposto de modo tão flagrante, o que não o impediu de explorar tal realidade possível. Inhá Luísa nos é apresentada com a profundidade de uma personagem de ficção, passando a viver na memória dos leitores das *Memórias*, como outras personagens viveram na memória de seu narrador:

“Baixemos à terra e vamos ver os passantes das ruas de Belo Horizonte (...) Hoje fazem parte da minha [vida] e são fortes na lembrança como os personagens das primeiras ficções que li. *Misturo-os na memória e já fico sem saber quais os de verdade quais os dos fingidores.*”<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p.59.

<sup>22</sup> NAVA, Pedro, *Beira-Mar*, ed.cit., pp.266-267, grifo nosso.